

UNIVERSIDADE DE COIMBRA -- -- 1.MARÇO.2019 -- --

JOÃO CARAÇA

Quero saudar todos os presentes neste dia auspicioso em que festejamos os 729 anos da nossa Universidade.

Auspicioso não só pela celebração de um notável passado como também pelo cumprimento imaculado do seu rito de renovação -- a entrada em mais um ciclo que a conduzirá ao futuro, com a eleição pelo Conselho Geral de um novo Reitor, cuja posse ocorreu na manhã de hoje, a quem desejamos as maiores felicidades e sucessos no desempenho do seu alto cargo.

Conforme afirmei há um ano atrás, uma universidade vive e consolida-se porque é um centro de saber.

Renova-se porque cria e partilha conhecimento e porque estimula o espírito crítico. Quero por isso felicitar igualmente os novos doutores, bem como os novos

jubilados e aposentados que, certamente em consonância com a Universidade, transmitirão e pugnarão pelos valores da dúvida, da interrogação e da crítica junto dos presentes e das gerações futuras.

Todos sabemos como a educação e o ensino superior, em particular, estão debaixo do escrutínio público. Os recursos são escassos, dizem-nos, e têm de ser aplicados em áreas de gritante prioridade. A formação de mentalidades, bem como a preparação de quadros competentes para desempenhar as funções dirigentes do Estado, são claramente subalternas no quadro neoliberal em que vivemos, em que as capacidades para um desempenho eficaz das profissões que os mercados vão abrindo se assumem como o alvo a atingir.

Mercados esses cujas instituições dominantes vão, simultaneamente, ditando quais as orientações a que a criação de novos conhecimentos se deve submeter, no âmbito dos seus objectivos operacionais.

Tudo o que não se submeter a estes requisitos não pontua pois como prioritário.

A Universidade de Coimbra constitui, no início deste ciclo de renovação, um farol da autonomia académica e da responsabilidade cívica, da abertura e da sustentabilidade.

O quadro orçamental que será proposto para o quadriénio bem como o plano estratégico que lhe servirá de moldura são os instrumentos críticos do ânimo e da resiliência que a Universidade demonstrará nos embates que se seguirão a curto trecho e que provavelmente não se esbaterão tão cedo.

Pode o Magnífico Reitor estar ciente da solidariedade, do interesse e da colaboração empenhada do Conselho Geral na elaboração e apreciação desses documentos essenciais para a vida académica.

Coimbra é conhecida como tendo criado as bases cognitivas de uma vida de saúde e bem-estar, bem como de se ter dotado de infraestruturas que podem sustentar esse desígnio.

Mas muito há ainda para fazer, certamente, sobretudo se pensarmos no desenvolvimento e no crescimento ordenado da toda a Região Centro.

A Universidade é, aos olhos do país, um dos polos dinamizadores desta grande ambição. Terá de saber-se reorganizar, ela própria, a fim de poder corresponder às responsabilidades bem como às esperanças que nela se depositaram. Poderá, assim, continuar a ser uma referência na Europa no campo do ensino, da investigação, dos serviços à comunidade, da participação cívica e da cultura.

Há que ser parte activa da revolução tecnocientífica dos nossos dias, mas igualmente importante continuar a estimular a investigação fundamental movida pela curiosidade.

Há que perceber e liderar a capacidade de ler a sociedade e o mundo e ao mesmo tempo entender e participar nos desafios colocados pela revolução contemporânea da informação no campo do ensino.

Há que eliminar as fronteiras que retardam a liberdade académica e produzir cidadãos do mundo com o gosto de aprender, com o prazer de descobrir.

Há que estimular e promover a inovação e a capacidade de empreender.

A avaliar pelo mais recente Prémio Universidade de Coimbra, o deste ano, a Universidade está também de parabéns pelo seu premiado. Quero aqui felicitar, em nome do Conselho Geral e no meu próprio, o laureado de 2019, o Doutor Gonçalo Quadros, fundador e director executivo da Critical Software, uma empresa fortemente inovadora e intensiva em conhecimento, honra de todos os portugueses.

Sabemos todos que por vezes parece que a juventude estudantil abdicou do seu papel de consciência crítica face à ordem social vigente. Não o creio. Porém, o desinteresse pelos modos de conduzir os negócios da cidade, pela filosofia e pela política, leva a um esmorecimento da prática crítica.

E sem consciência crítica a memória esquece-se e desinveste-se na cultura. A cultura deixa igualmente de ser uma prioridade.

O caminho que temos pela frente é simples de balizar, mas rugoso de percorrer. Ou se aprofundam as bases científicas do conhecimento sobre a sociedade, sobre a natureza e sobre nós próprios, e simultaneamente se promovem o espírito crítico e a participação cívica ou, em alternativa, assistiremos primeiro à contestação lenta e depois, logo a seguir, à destruição rápida e inexorável do edifício da ciência e dos saberes argumentativos e, com eles, da legitimidade da própria ordem em que assenta a regulação da nossa sociedade.

É que as oligarquias nunca desprezam a eficiência técnica: antes a estimulam no quadro de uma combinação com a ignorância política e a violência. Os instrumentos de controlo usados pelas novas oligarquias – o medo e a superstição – não mudaram. Apenas se refinaram e especializaram.

Não há receitas prontas para o consolo das almas: o conforto da nossa existência obtém-se querendo saber sempre mais, querer aprender continuamente, não deixando nunca de interrogar.

Nos programas de acção de todas as recentes candidaturas a reitor da Universidade ressaltou a unanimidade quanto a uma questão central – é preciso um maior esforço de investigação e mais pessoas a investigar. Penso que toda a equipa reitoral compartilha este propósito.

A universidade do ensino e das faculdades teve o seu auge no século XIX. Neste, em que a investigação assume uma importância central, a par do ensino, precisamos de uma Universidade com grandes laboratórios e institutos, para além das faculdades.

Uma instituição que conta 729 anos de actividade não desaparece, nem por milagre, nem destruição horrenda, ao contrário do que muitos possam pensar. Mas pode apagar-se, de facto, se os seus membros deixarem de nela acreditar, se não houver um projecto.

É contra essa eventualidade que precisamos de estar vigilantes. O futuro não se pode prever, nem adivinhar. Mas deve ser preparado e antecipado para que se atinja

algo de desejável e proveitoso que nos permita continuar a caminhar com esperança.

É fundamental termos um sonho, mas para o sonharmos de olhos bem abertos.